

## RESENHA

### *Os Simpsons e a Filosofia: O D'oh! de Homer*

Júlia Cristina Schmidt\*

O livro *Os Simpsons e a Filosofia*, publicado pela editora Madras, no ano de 2004, os apresenta uma coletânea de artigos editados por Willian Irwin, Mark T. Conard e Aeon J. Skoble, que discorrem sobre a série de animação adulta *Os Simpsons*, criada por Matt Groening e produzida pela emissora de televisão estadunidense Fox Broadcasting Company. É importante pensar como um desenho animado suscita tantas discussões e como consegue manter-se vivo na nossa cultura de consumo áudio visual a ponto de tornar-se objeto de produção textual, além de televisiva. *Os Simpsons* vêm recheados de episódios satíros, os quais buscam retratar a cultura estadunidense, seus costumes, paradigmas, enfim, ao modo de viver americano. Os autores de *Os Simpsons e a Filosofia* discutem questões éticas, existenciais, morais etc, discutem autores da vertente filosófica antiga, como Platão, Aristóteles, bem como pensadores modernos e contemporâneos, como Kant, Nietzsche, Wittgenstein, Heidegger e Sartre. Inspirados nessa presente discussão, entre um e outro episódio, o livro busca retirar uma reflexão filosófica sobre a vida em Springfield.

Springfield é a cidade-cenário onde ocorre toda a trama simpsoniana, uma cidade provinciana dos Estados Unidos. É importante retomar a importância de pensar em Springfield como local de acontecimento da série *Os Simpsons*. O contexto geral do que acontece nos arredores da cidade, busca fazer uma retratação também do cenário americano, que está presente não apenas em Springfield, mas nos personagens, nos temas, enfim, na diversidade cultural americana a ser explorada a fim de transformar os episódios em sátiras da cultura americana. O elenco principal dos Simpsons é constituído por uma família composta por Homer e Marge, pai e mãe, respectivamente, e Lisa, Bart e Maggie, os filhos do casal. Nesta parte, cabe analisar o que os autores referenciaram como importante nos personagens e qual a correlação presente com os filósofos.

Homer Simpson é referenciado por fazer parte da maioria americana, que muitas vezes, despreza o intelectualismo ou que não se interessa pelo assunto. Nesse sentido, no

---

\* Acadêmica do Curso de Filosofia (L) e Bolsista CAPES do Subprojeto PIBID/Filosofia da Universidade de Passo Fundo.

primeiro capítulo do livro *Os Simpsons e a Filosofia*, “Homer e Aristóteles”, a moral do pai da família Simpsons é avaliada segundo princípios do grande filósofo grego. Segundo consta, “o fazer abertamente honesto quanto aos seus desejos e necessidades”, seria uma qualidade em Homer, mas seria uma qualidade que chega a ser exagerada... Do ponto de vista moral, ele deixa a desejar como pai, primando suas próprias necessidades, ainda que seja uma pessoa com algumas características admiráveis. Suas ações não são, de todas, justas. Ele parece não ter noção de justiça e também, não se encaixaria num indivíduo justo... É nesse ponto que Aristóteles o julgaria, pois, falta moderação em Homer. Podemos imaginar que esse personagem se encaixaria num retrato do que podia ser nós mesmos de uma forma mais exagerada. Entretanto, tais características não implicam num julgamento negativo sobre Homer, ele é egoísta, ainda que ame sua família e que, vez que outra, sacrifica-se por ela. Apesar de toda a imoralidade de Homer, ele não é um sujeito maligno. Faz parte do que se espera de um cidadão de Springfield.

No segundo capítulo do livro, intitulado “Lisa e o antiintellectualismo americano”, a filha dos Simpsons é comentada como um grande diferencial na série. Ela é vista com grande inteligência e comumente, a mais esperta entre os demais, o que não a faz perfeita. A questão filosófica no presente capítulo se dá na comparação de que Lisa vive uma realidade platônica, primando o conhecimento e saber, o que a torna, correntemente, incompreendida (ainda que ela mesma mantenha sua própria esperança), uma vez que a sociedade americana vive uma dicotomia de amor e ódio com relação à intelectualidade.

A filha mais nova dos Simpsons, Maggie, é considerada no terceiro capítulo do livro, “A importância de Maggi: sons do silêncio, leste e oeste”. Ela ainda não possui a fala, o que faz surgir importantes questões: a linguagem é de fato importante? Há vantagens no silêncio? Segundo Wittgenstein, a fala constitui também os limites do próprio mundo e, portanto, o desenvolvimento da linguagem se daria como essencialmente importante! No existencialismo heideggeriano, comenta-se sobre as vantagens do silêncio, este que seria essencial para viver uma existência autêntica, longe das frivolidades da existência cheia de conversa fiada.

No quarto capítulo, “A motivação moral de Marge”, são feitas considerações a respeito da personagem que caracteriza a mãe dos Simpsons. A ética grega se concentra no caráter e no que torna uma pessoa boa. Em Aristóteles, temos a virtude como uma característica que pode levar-se a, categoricamente, caracterizar uma pessoa como boa. Nesse sentido, Marge se mostra uma mãe corajosa, age com moderação e tem um bom senso de honestidade. Em *Ética a Nicômaco*, Aristóteles fala da felicidade citando a virtude como essencial para se viver. E virtude deve ser cultivada... Marge também é cristã e ela se mostra

mais preocupada com ideais de sua religião do que com ser uma boa pessoa e agir de acordo com suas virtudes, ou seja, ela não seria, necessariamente, virtuosa.

Nietzsche é visto como garoto mau da filosofia, Bart o garoto mau dos Simpsons. Existe alguma semelhança entre ambos? Nessa perspectiva, ao adentrar no quinto capítulo do livro, “Assim falava Bart: Nietzsche e as virtudes de ser mau” o personagem Bart Simpson, o rebelde, é comparado ao ideal nietzschiano do *Übermensch* (ou super-homem). Para surpresa, Bart não faz parte desse ideal. Segundo Nietzsche, o “super-homem” devia ser interpretado como um símbolo elevado do ser humano, transformando sua insignificância em arte. Bart lida com sua existência mostrando falta de identidade, o que faz supor que ele retrata a decadência, supondo a vida caótica, a qual, os americanos vivem.

Feitas as considerações sobre os personagens, é preciso refletir sobre os temas que permeiam os episódios de *Os Simpsons*. Esta série é rica em ironias, às vezes, elas se mostram camufladas, porém, ainda existentes. No sexto capítulo do livro, o título insinua que a série pode ser interpretada como “O pior ensaio já escrito”, porém, essa ironia dos autores, é percebida ao relatar que o enredo temático não se mostra como um conteúdo imediatamente dado, similar a quando se entrega as soluções e os problemas diretamente resolvidos a quem assiste. O interessante, nesse quesito, é a interação que se constrói a partir daí, o espectador se sente “convidado a participar” da construção lógica do episódio, e esse fator é também significativo pra que *Os Simpsons* sejam altamente consumidos pelo mundo. Outro aspecto irônico que galga por entre os episódios, é aquela expressão que “surge no ar”, a partir também, de uma referência que circula por entre os episódios. Essas expressões, comentadas no oitavo capítulo, aparecem no sentido humorístico da ironia, pois, frequentemente é associada como formas diretas e acabam se tornando piadas.

Os Simpsons usam de uma referência cultural explícita e isso estabelece ligação entre leitores/espectadores, como através de filmes, séries, marcas, comidas, etc. Essas referências são notadas de acordo com o contexto temporal em que se está assistindo e mostram-se conceitos comuns entre os americanos. O sétimo capítulo, “*Os Simpsons* e alusão: ‘O pior ensaio já escrito’”, referência um filme policial chamado *Os Bons Companheiros*, ao comparar com uma situação vivida por Bart no episódio “Bart the Murderer”. Nesse episódio Bart é acusado de se meter em encrencas e acaba acusado de cometer assassinato. Depois de certo tempo, o verdadeiro assassino é encontrado e Bart inocentado. Fato semelhante ao que acontece no filme. A referência a qual se faz presente aqui é o recurso do uso da paródia. Nesse sentido, as relações entre as paródias e a impregnação na série, não necessariamente, precisam ter uma referência “cult” ou específica. Como o exemplo desse episódio, ao qual,

não parece estar sendo citado ou aludido. Esse tipo de referência é constantemente usado entre os episódios e se mostra um exemplo de paródia popular: procura “homenagear” referências extrínsecas a realidade.

Dentre outros muitos temas que são tratados no livro, há também um capítulo sobre as políticas sexuais que permeiam o universo simpsoniano. Nesse aspecto, é retratado um modelo de “família tradicional”, com mãe, pai e filhos. Macho e fêmea que se unem em casamento e procriam, sendo ou não uma união afetiva, que independe de sexo ou hierarquia de poder. Marge é sempre colocada como submissa e compassiva a Homer, um reflexo do que a sociedade tabula, mais precisamente, a submissão da mulher ao homem. Contrariando isto, Lisa Simpson se mostra, novamente, uma pessoa “à frente” do seu tempo, apesar de ser adolescente, ela é consciente da luta feminista e seria então a esperança de Springfield.

O que se vê de legítimo no livro *Os Simpsons e a Filosofia*, por não se tratar da “Filosofia de *Os Simpsons*”, muito menos “*Os Simpsons* como filosofia”, é uma nova proposta de pensar estratégias que aproximem temas do cotidiano, no caso, a realidade simpsoniana e a realidade filosófica. Pois, tão importante como pensar na filosofia de vida dos Simpsons, é a análise do por que correlacionar filosofia e uma série hipoteticamente vista como desnecessária. Nesse sentido, a riqueza do livro em questão, se mostra nessa tentativa de aproximação entre as pessoas que não são do universo filosófico e por ventura, ao ler sobre uma série que elas se interessam, possam vir a se aproximar da filosofia.

### Referências

IRWIN, Willian I.; CONARD, Mark T.; SKOBLE, Aeon J. (Ed.). **Os Simpsons e a Filosofia: O D’oh!** de Homer. São Paulo, SP: Madras, 2004.